

Histórias que não foram, que vieram e que poderiam ser: uma leitura de dois romances americanos

Émile Cardoso Andrade¹

Universidade Estadual de Goiás
emilecardoso@yahoo.com.br

Michelle dos Santos²

Universidade Estadual de Goiás
michelle.santos0803@gmail.com

Resumo: Esse artigo propõe uma análise comparativa entre dois romances que constroem suas tramas a partir da especulação histórica a temas recorrentes da crítica política e social contemporâneas, como a crise da democracia, a relativização das verdades históricas e o antissemitismo; são eles: *Complô contra a América* (2004), de Philip Roth e *Associação judaica de polícia* (2007), de Michael Chabon. Ambos desorganizam nossas categorias e divisões herméticas do tempo e levam às últimas consequências a ideia de anacronismo. Nesse sentido, nossa intenção é pensar comparativamente as noções aristotélicas de literatura e história e ampliar o espectro dessas duas formas de narrativas.

Palavras-chave: literatura comparada; anacronismo; história especulativa; Michael Chabon; Philip Roth.

Abstract: This article suggests a comparative analysis between two novels that construct their plots from historical speculation about iterant themes of contemporary political and social critics, as the democracy crisis, relativization of historical facts and antisemitism; they are: *The Plot Against America* (2004) by Philip Roth and *The Yiddish Policemen's Union* (2007) by Michael Chabon. They both disorganize our hermetic categories and divisions of time and lead the idea of anachronism to its fullest extent. Therefore, our intention is to comparatively think the Aristotelian notions of history and literature and to expand the spectrum of these two forms of narratives.

Keywords: comparative literature; anachronism; historical speculation; Michael Chabon; Philip Roth.

Recebido em: 29/4/19

Aceito em: 07/09/19

¹ Doutora em Literatura pela Universidade de Brasília (UnB), docente do Programa de Pós-graduação Stricto Sensu em Língua, Literatura e Interculturalidade (POSLLI) na Universidade Estadual de Goiás (UEG). Coordenadora do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens técnicas (CNPq) desde 2011.

² Doutora em Educação pela Universidade de Brasília (UnB). Professora titular de História na Universidade Estadual de Goiás (UEG). É líder do GPTEC: Grupo de Pesquisa em Imagens técnicas (CNPq) desde 2011.

1. O romance especulativo: um novo gênero?

Desde que Aristóteles distinguiu as atividades do historiador e do poeta, sabemos que a maneira como a literatura lida com questões espaciais, temporais e históricas não se limita ao rigor do fato acontecido, da realidade do evento. Nesse sentido, é permitida à criação literária toda sorte de remodelações narrativas, nas quais a própria história com H maiúsculo pode vir a ser subvertida.

Ensaaios, contos e romances podem ser tecidos à moda alternativa. No Brasil, seu desenvolvimento e sua visibilidade são recentes e têm como marcos a história retificada de Canudos, escrita por José J. Veiga, *A casca da serpente* (1989), e a novela *Ética da traição* (1993), de Gerson Lodi-Ribeiro, na qual ele desdiz um passado marcante da América do Sul, a Guerra do Paraguai (1864-1870), oferecendo-nos, como suspense, um novo tempo presente vivido no pequeno Brasil, que décadas atrás teria sido derrotado pelo país de Solano López, agora uma potência, agente da *Pax Paraguaya*.

Nos artigos e livros sobre o assunto, *on-line* e impressos, acompanhamos a invenção de uma tradição literária sobre futuros do passado, uma genealogia que compreende algumas páginas do monumental *História de Roma desde a sua fundação*, de Tito Lívio, passando por *Napoléon et la Conquête du Monde, 1812-1813* (1836), do escritor francês Louis Napoléon Geoffroy-Château, e pelas narrativas de língua inglesa *P.s Correspondance* (1846) e *Aristopia* (1895), escritos por Nathaniel Hawthorne e Castello Holford. Difusor e entusiasta de histórias que exploram um *turning point*, um ponto crítico, um acontecimento diferente e inédito que revirou o mundo tal como o conhecemos, Lodi-Ribeiro é autor ainda de *Xochiquetzal: uma princesa asteca entre os incas*. É oportuno mencionar também as histórias de Silviano Santiago e Roberto de Sousa Causo, *Em liberdade* e *Selva Brasil*, bem como o livro *História do cerco de Lisboa*, de José Saramago.

Esse trabalho é uma leitura de dois romances americanos escritos no século XXI que geram discussões acerca da construção de temporalidades sejam elas históricas, imaginárias, ficcionais ou subjetivas. Denominados aqui de romances especulativos, estas narrativas seguem na contramão do fato real, ignorando-o e criando outro conjunto cronotópico que se distancia da experiência histórica considerada verdadeira. Mais do que inventar e ficcionalizar uma trama, estes romances partem de pressupostos distantes

das verdades inscritas nos tradicionais manuais e ratificados pela visão consolidada da evidência histórica e acabam por desenhar novas formas de pensar o tempo e o espaço das experiências contemporâneas. O intuito de nossas observações está em – além de comparar os dois romances – proceder a uma análise comparatista também entre as possibilidades da literatura e da história no que tange aos usos e abusos do tempo e do espaço nas narrativas que engendram.

2. Dois romances americanos especulativos

Narrador e crítico da cultura da América e vencedor do prêmio Pulitzer de 1997 pelo romance *Pastoral americana*, Philip Roth cria novamente uma ficção para debater as particularidades e rumos da política e da cultura de seu país. Nascido em Newark e falecido recentemente (2018), o escritor foi o responsável por outros títulos de grande envergadura, tais como *O animal agonizante* (2001), *Fantasma sai de cena* (2007), e *Indignação* (2008). Assim como o romance em questão, *Complô contra a América* (2004), a maioria de suas obras dispõe-se a refletir sobre as experiências contemporâneas da vida em sociedade, do amor e do erotismo, da velhice e da juventude, das artes e da literatura, entre outros debates tão relevantes nos dias atuais.

O escritor norte-americano Philip Roth constrói um vigoroso romance partindo de uma sentença condicional que muitos chamariam de “incoerência histórica”: o que poderia acontecer se os Estados Unidos não entrassem na II Guerra Mundial e passassem a adotar uma postura isolacionista com tendências a um “entendimento” cordial com a política nazista? Roth aceita o desafio de responder esta pergunta e enreda uma trama cujos personagens centrais saem do próprio círculo familiar do escritor, ou seja, num tom especialmente biográfico, o autor nascido em Nova Jersey descreve sua vida num tempo/espaço ficcional singular. Nele, Charles A. Lindbergh derrota Franklin Roosevelt nas urnas e se torna presidente dos Estados Unidos em 1940. Tendo criticado a postura dos judeus americanos que defendiam a entrada do país na II Guerra, o renomado aviador empossado presidente prefere isolar a nação do contexto bélico de então, além de manter relações bastante amigáveis com Adolf Hitler. Essa conjuntura política ameaçadora promove uma sensação de paranoia na maioria dos lares judeus da América, que, sempre tida como o lugar da liberdade, da oportunidade e do bem-estar,

passa e ser uma terra de desconforto, desconfiança e medo. A família Roth, antes tão segura de seu lugar na construção de uma nação sólida e consolidada, vê-se gradativamente subjugada por sua condição semita e acaba sofrendo as consequências de uma política simpatizante do nazismo e voltada para a discriminação dos judeus.

Ao longo do extenso romance de quase quinhentas páginas, o leitor acompanha gradativamente o crescimento do antissemitismo nos mais variados contextos da vida norte-americana na década de quarenta, e, para criar essa ambientação, Roth promove um jogo ficcional sofisticado, pois não abandona o espaço familiar de Newark, a cidade em que nasceu e que serve de espaço para a maioria de suas obras. A narrativa imita um relato autobiográfico, no qual o personagem principal é o próprio escritor, a quem as agruras da política de ódio aos judeus alteram o modo de viver, acompanhado de todos os judeus norte-americanos. Abaixo, um excerto que exemplifica o modo como funciona a criação ficcional de Roth neste romance: o candidato judeu à presidência da república Walter Winchell é assassinado durante um comício em Louisville, Kentucky, e a comunidade judaica se apavora diante da violência do ato:

Ao cair da tarde, não havia uma única família judia que não estivesse fechada em casa, com trancas duplas nas portas, os rádios ligados o tempo todo para escutar os últimos boletins, todo mundo telefonando pra todo mundo, dizendo que Winchell não fizera nenhum comentário inflamável para o público de Louisville; na verdade, começara seu discurso com o que não podia ser outra coisa senão um apelo direto ao amor-próprio cívico da população: “Meus concidadãos de Louisville, Kentucky, moradores orgulhosos dessa cidade dos Estados Unidos onde se realiza a maior corrida de cavalos do mundo, terra natal do primeiro membro judeu do Supremo Tribunal dos Estados Unidos...” e , no entanto, antes que tivesse tempo de pronunciar o nome de Louis D. Brandeis, foi derrubado por três tiros que lhe acertaram a cabeça por trás. (ROTH, 2005, p. 343).

A citação ao advogado Louis Dembitz Brandeis é historicamente coerente com o contexto cronotópico do romance, em consonância com a maioria dos personagens públicos que permeiam a trama. No trecho acima, o caráter pessoal do relato se evidencia na imagem da comunidade em polvorosa pela notícia da morte do candidato à presidência que lhe representava no momento. A figura de Walter Winchell também é real, foi um proeminente jornalista especialista em tabloides, o inventor da coluna social moderna, na qual traçava perfis de celebridades e políticos de sua época. A candidatura de Winchell à presidência é um elemento ficcional a que estamos chamando

“especulativo”, pois estabelece uma relação de suspensão do regime de verdade factual historiográfica para imbricar-se no universo da possibilidade imaginativa da ficção.

O segundo romance em análise tem como título *Associação judaica de polícia*, publicado pela primeira vez em 2007, do judeu americano Michael Chabon. Assim como em *Complô contra a América*, a perspectiva desta trama estrutura-se a partir de outro cronotopo contrafactual. Em 1948, os judeus são expulsos do território de Israel por uma coalizão de países muçulmanos. Apátridas, recebem dos Estados Unidos – como consolo provisório – um território no Alasca. Sessenta anos depois, às vésperas de sua devolução para os ianques, podemos ler em linhas especulativas do romance o temor ininterrupto do exílio e a permanente angústia da diáspora nos “judeus do norte”; é a descontinuidade tradicional da derrota dos expatriados judeus:

A verdade é que não há garantia nenhuma – a cifra quarenta por cento é apenas um dos boatos do fim dos tempos –, e não faltam radicais descabelados a afirmarem que os judeus autorizados a permanecer como residentes legais do ampliado estado do Alasca, quando a reversão finalmente for implementada, provavelmente corresponderão a dez ou mesmo a cinco por cento do total. São esses mesmos extremistas que andam conclamando judeus à resistência armada, à secessão, à declaração de independência etc. Landsman não dá a mínima para as controvérsias e os boatos, não liga para a questão mais importante neste universo local. (CHABON, 2009, p. 90-91)

Esse é o lugar em que se desenvolve a narrativa policialesca que mescla comédia, romance *noir* e uma vigorosa e criativa retórica que ainda se singulariza por conta do uso do iídiche como recurso estético-linguístico. Nesta estranha cidade nos confins do hemisfério norte chamada Sitka, um detetive de polícia pouco ortodoxo, descuidado com a aparência e com forte tendência ao alcoolismo, é chamado a solucionar o assassinato de um judeu viciado em heroína que atende pelo nome de Emanuel Lasker. O policial Meyer Landsman então vê-se enredado numa articulada teia investigativa que relaciona jogos de xadrez, máfia judaica, um suposto messias e uma trama conspiratória para retomar a Terra Santa e levar os judeus de volta a Jerusalém. Por conta de suas maneiras atrapalhadas e sua dificuldade de lidar com a burocracia da polícia, encontra resistência de sua chefe – coincidentemente sua ex-mulher – para continuar no caso. Ao mesmo tempo em que desafia as ordens de Bina, corre atrás da solução do enigma com o auxílio de seu parceiro e primo Berko Shemets, um mestiço de judeu e índio que se esmera no trabalho por idealizar o amigo.

Subvertendo o gênero *noir* num emaranhado de eventos risíveis, patéticos e quase surreais, Chabon transforma sua história alternativa em ficção das mais sofisticadas, principalmente no tratamento da linguagem, ponto crucial a ser observado. Muito da beleza do livro deve-se ao excelente uso de metáforas, comparações e analogias, além das criações linguísticas envolvendo o ídiche e o inglês (preservadas com cuidado pelo tradutor da edição em português, Luiz A. de Araújo).

Deve-se ressaltar que, a despeito de uma linguagem complexa que poderia dificultar uma possível adaptação ao cinema, tem-se uma grande expectativa em torno do trabalho que os diretores Ethan e Joel Coen vêm realizando na filmagem deste romance, ainda em andamento. Isso porque a maneira singular como Chabon constrói sua história remete facilmente aos universos criados pelos irmãos Coen: dramas patéticos recortados por humor cínico (*O homem que não estava lá*, 2001), gênero policial desvirtuado pelo pastiche (*Fargo*, 1996), enredos de profunda densidade desenvolvidos por personagens ridículas e sem desfecho plausível (*Um homem sério*, 2009) e *western* com roupagem contemporânea pouco convencional (*Onde os fracos não têm vez*, 2007). Pela natureza subversiva com que Chabon e os Coen tratam os gêneros em geral (tanto literários quanto cinematográficos), e por suas incursões no universo cultural dos judeus, é possível recomendar esta adaptação antes mesmo de sua estreia.

Os processos narrativos dos dois romances constituem-se instâncias essenciais para o sucesso do funcionamento do gênero literário que ora chamamos história alternativa, ou especulativa, como já designamos anteriormente. Nesse sentido, a engenhosidade de Roth se concentra principalmente no jogo de escalas que se estabelece quando o narrador parte do contexto especulativo (América simpatizante do nazismo) para o relato autobiográfico. Da tessitura realizada a partir do entrelaçamento de um cronotopo improvável com uma narrativa tão marcadamente subjetiva é que se constitui um romance tão bem articulado. Em outras palavras, é o astucioso trabalho de inserir-se verdadeiramente num tempo-espço imaginado que faz de Philip Roth um personagem/escritor tão fascinante. Em *Complô contra a América*, o narrador é o próprio Roth, expondo suas vivências e sentimentos de criança, já que a trama se passa na década de 40. Enxergando a infância que viveu, o narrador mais maduro rememora toda a difícil experiência sofrida pela família quando do governo Lindbergh e suas

consequências na vida dos judeus americanos. Ora, o grande paradoxo desta biografia está justamente neste vínculo aparentemente impossível: como o autor pode lembrar sua própria infância num contexto que nunca existiu de fato? A magia do texto incorre desta incoerência: a escala pequena da vida comum dos judeus americanos na década de quarenta sob a escala maior de acontecimentos políticos impensáveis dentro da História convencional. Este conjunto gera um novo universo de possibilidades para pensar esse momento tão complexo do século XX, ampliando visões, reflexões e experiências a partir de um horizonte de expectativa possível.

O próprio Philip Roth, e outras figuras dramáticas, como Hitler, Lindbergh e Roosevelt, que se relacionam com indivíduos produtos de sua astúcia ficcionista, podem ser enxergados a partir da teoria de Abbas Kiarostami, desenvolvida no longa *Cópia fiel* (2010), pois não são originais, mas imitações do que já existe (na memória, na história), não obstante, parecem produzir-se diante nossos olhos pela primeira vez, são autênticos, genuínos. A originalidade da cópia de personagens “reais” célebres e suas relações com uma “sociedade de indivíduos” comuns e inventados também será a tônica do desenvolvimento desse trabalho. Assim, a história não se limita a aparência erudita, ao saber interiormente recolhido, ao contrário, serve à vida, como ansiava Nietzsche em sua existência filosófica.

Por outro lado, a estratégia narrativa de *Associação judaica de polícia* é diferente, mas não menos complexa e sofisticada. Alicerçada pela linguagem original que aglutina de diversas maneiras o iídiche e o inglês, criando situações linguísticas inusitadas, a estrutura da narração é polifônica na medida em que se aproxima e se distancia do personagem principal, Meyer Landsman. Utilizando o discurso indireto livre, a terceira pessoa da narrativa é, na maioria das vezes, o ponto de vista do detetive ou uma outra instância narrativa muito próxima.

Esta falsa 3ª pessoa do discurso é um recurso narrativo moderno desenvolvido por Dostoiévski e aperfeiçoado por Kafka, haja vista a narrativa aparentemente distanciada de *A metamorfose*, cujo suposto narrador observador encontra-se tão perto de Gregor Samsa que conhece seus pensamentos, sentimentos e todo o seu desconforto diante da constatação de que se transformou num enorme inseto. No romance de Michael Chabon, o comando da narrativa transita entre a percepção de Landsman e um outro narrador que, sabendo de aspectos da trama desconhecidos do agente de polícia,

desnuda alguns detalhes do enredo ao leitor. Porém, não se trata de uma narrativa onisciente, o que pode se confirmado pelas inúmeras brechas e lacunas que perpassam o romance, deixando espaço para a interrogação e para a decifração dos enigmas dispostos na trama. Além disso, a ironia e o cinismo são marcas de todas as vozes narrativas do texto, que, cada uma à sua maneira, transformam-no num jogo de significados que não estão todos dispostos *a priori*.

3. A força da generalização

O encaminhamento de nossas investigações investiu-se da mirada da literatura comparada para relativizar a assertiva aristotélica que inicia este artigo. Contudo, o imbróglio não está naquilo que o filósofo grego afirma sobre as potencialidades da *poiésis*, mas na posição reducionista do historiador. Os dois romances americanos desvirtuam as noções cronotópicas e parecem, com isso, realizar uma espécie de elogio ao anacronismo. Nesse liame, nossas discussões, por ora, tomarão o rumo da observação de novos sentidos históricos oriundos destas narrativas, servindo de esteio para pensar uma outra forma do fazer historiográfico.

A história não deveria caber no tempo, mas engendrar suas temporalidades próprias, à maneira de Roth e Chabon, menos submissas à cronologia dada de antemão. Aceitar, se conformar com o óbvio e o ululante, expressos na norma “só se escreve história do que aconteceu”, seria a melhor estratégia reflexiva ou mesmo didática para lidarmos com o passado?

A concepção temporal a qual estamos habituados não é essa prevista nos romances de Roth e Chabon, e sim aquela que aparece de modo cáustico e inequívoco nos *Grundrisse* de Karl Marx (2011) em 1863, ao constatar que, sob o capitalismo, “o tempo é tudo, o homem já não é nada; é, quando muito, a carcaça do tempo”. Cabe então ao historiador – simpático ou não ao materialismo dialético –, como foi definido por Marc Bloch, descobrir como os motivos, os temas e os valores de um pensamento ou de uma ação são fornecidos ou sugeridos pelo seu tempo. Os axiomas do célebre historiador francês, que demonstram sua fé no poder revelador deste último, tornaram-se mantras respeitados até hoje: “a história é a ciência dos homens no tempo” (BLOCH, 2002, p. 36). Ou citando um provérbio árabe imemorial, “os homens são mais filhos de

seu tempo que de seus pais” (BLOCH, 2002, p. 60). Ou seja, não há vida para personagens e fenômenos históricos fora do momento em que lhes coube viver. Nesse sentido, é preciso contextualizar, historicizar os documentos, os indícios do passado.

Embora Fernand Braudel, também ele um *annaliste*, tenha dado uma imensa contribuição aos estudos sociais ao desdobrar o tempo histórico em três aparições – longa, média e curta durações –, ele está muito longe de concepções iconoclastas, como as de Henri Bergson, festejadas por Deleuze, e também por seu estudioso Peter Pál Pelbart: “tempo é invenção ou não é absolutamente nada”. Em *O tempo não reconciliado: imagens do tempo em Deleuze*, o filósofo húngaro residente no Brasil discorre sobre a pluralidade de andamentos temporais, práticas do tempo heterogêneas, desvios múltiplos, encavalados, simultâneos. Longe também está das figuras do tempo soerguidas por Walter Benjamin – ainda no início do século XX – que põem em xeque o tempo como uma continuidade absoluta, que dão vazão a bruscas interrupções e que evocam aquilo que ficou soterrado no passado como um futuro abortado (BENJAMIN, 1994; LÖWY, 2005).

O evento que poderia ter acontecido, a consequência colateral de uma ação apenas pensada, nunca realizada, as tramas urdidas em segredo que nunca foram postas em prática, tudo isso deveria ser matéria do historiador, e não apenas do poeta. Esse ponto de clivagem, essa ultrapassagem metodológica, atualizaria o trabalho, os recursos e a própria beleza do fazer historiográfico. Nicole Loraux aponta para essa deficiência, demonstrando que – negando o anacronismo – ao historiador tradicional faltaria audácia:

O anacronismo é o pesadelo do historiador, o pecado capital contra o método, do qual basta apenas o nome para constituir uma acusação infame, a acusação – em suma – de não ser um historiador, já que se maneja o tempo e os tempos de maneira errônea. Assim, o historiador em geral evita cuidadosamente importar noções que sua época de referência supostamente não conheceu, e evita mais ainda proceder a comparações – por princípio indevidas – entre duas conjunturas separadas por séculos. Mas com isso, o historiador corre inevitavelmente o risco de ser entravado, impedido de audácia, ao contrário do antropólogo que, em condições análogas, recorre sem perturbação de consciência à prática da analogia. (LORAUX, 1992, p. 57)

Para Peter Pál Pelbart, o tempo não é apenas uma mera sucessão de instantes ou o desenrolar de um histórico prévio de possíveis. Ele, por assim dizer, engendra o que antes não havia, não era previsto, quiçá previsível; abriga uma dimensão de

indeterminação. Assim, quando usamos a conjunção condicional “se” ou o termo “possibilidade” não queremos endossar a diferença esquematizada por Aristóteles em *Arte poética*. Na obra, o historiador é definido como aquele que escreve sobre o que aconteceu, enquanto o poeta é quem escreve sobre o que poderia ter acontecido. No entanto, tal separação torna-se nebulosa quando admitimos (e endossamos) a ideia de Jacques Rancière, segundo a qual só cabe na história o que é possível, portanto a principal demarcação desse campo é justamente a poética: ou seja, o que é provável ocorrer em um tempo, seja “no tempo das especiarias” (RAMOS, 2004), em “Berlim no tempo de Hitler” (MARABINI, 1989), e outras tantas dissertações com esses títulos e tons. Dito isto, esse artigo quis perscrutar *tempos alternativos*, e não possíveis, como aqueles desenhados pelos traços tão historicizantes (quanto competentes) de Robert Darton. Traços que não escapam aos pressupostos de verossimilhança e necessidade aristotélicos:

Um poeta ou um filósofo pode levar a linguagem aos seus limites mas, a certa altura, vai deparar-se com a estrutura externa da significação. Para além dela, jaz a loucura – o destino de Holderlin e de Nietzsche. Mas, dentro dela, os grandes homens podem testar e deslocar as fronteiras da significação. (DARTON, 1986, p. XVIII)

O excerto acima reforça a convicção de que o que escapa às ideias de tempo-contexto-estrutura-cultura, de universo mental ou linguístico em que os sujeitos habitam e significam, já está fora do campo da história, adentrando o campo do não crível, da demência, do que é difícil explicar pelo tempo ou dentro do tempo. Porém, se a história parte disso ela exclui (ou deixa de olhar) uma série de vivências interessantes, que, todavia, não se assemelham ao seu tempo. Um sujeito histórico e seus contemporâneos devem, segundo a visão hegemônica, parecer com o real, devem ter coerência e coesão contextual, o que dá o efeito ilusório de verdade. Ora, causas e consequências bem articuladas redundam em uma explicação histórica que torna toda ação ou todo pensamento imprescindível, quiçá forçoso e inevitável.

O queijo e os vermes (1987), de Carlo Ginzburg, seria a prova – em forma de uma história agarrada à verossimilhança e à necessidade – de que Menocchio, a despeito de sua cosmogonia excêntrica e incomum, é um homem do século XVI. Caso contrário, como afirmou Lucien Febvre a respeito de Rabelais, ele não mereceria uma discussão. Diante de desafios como esse, pululam saídas confortáveis, mas pouco convincentes,

como a de que indivíduos dessemelhantes (e, portanto, não contemporâneos a sua sociedade) estariam adiantados na linha da história. O ensaio biográfico sobre Walter Benjamin escrito por Hannah Arendt traz em suas conclusões acerca da fama póstuma um escarnecimento acre: “Nem se pode dizer que seja a recompensa amarga daqueles que estavam à frente de seu tempo – como se a história fosse uma pista de corrida onde alguns competidores corressem tão rápido que simplesmente desapareceriam do campo de visão espectador” (ARENDR, 2008, p. 166).

Outras saídas tortuosas para o impasse estariam exemplificadas em invencionices curiosas como a de Edoardo Grendi, que propôs a noção de “excepcional normal”, por meio de modelos generativos “que permitem integrar completamente (e não mais como exceções ou desvios) os percursos e as escolhas individuais. Desse modo, poder-se-ia dizer que o excepcional se tornaria normal” (REVEL, 1998, p. 33).

Em outros termos, e parafraseando Roland Barthes (2007, p. 16), quando especula sobre o poder fascista da língua, é possível exercitar a luta contra a tirania do fato consumado; a partir de um ou mais pontos de divergência com o que efetivamente ocorreu, podemos *trapacear a história, trapacear com a história*. A história estática, previsível (muito presente em todos os níveis de erudição), tal como a língua, dita regras muito claras, rígidas, que redundam na condenação de desvios ou variações, e é preciso buscar saídas, safar-se da opressão racionalizadora e contextualizante.

Ao fim e ao cabo, diante da enormidade de coisas que permeiam um fato ou uma trama, entre a literatura e a história não deveria haver diferença maior do que aquelas que classificam os gêneros textuais na linguística ou literários na teoria literária. Reconhecendo hoje os movimentos híbridos e interculturais que constroem as narrativas do século XXI, o esforço de dividi-las – ainda como propõe Aristóteles – pode ser inútil e, até mesmo, inócuo.

Ao arquitetarem suas tramas, os dois autores americanos não pensaram em construir explicações coesas, seria fácil. A partir de seus universos ficcionais, eles ergueram o espanto inexplicado. Como disse certa vez Clarice Lispector sobre Brasília, a nova capital, “a criação não é uma compreensão, é um novo mistério”.

Referências bibliográficas

ARENDDT, Hannah. *Homens em tempos sombrios*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

BARTHES, Roland. *Aula*. São Paulo: Cultrix, 2007.

BENJAMIN, Walter. *Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994. (Obras escolhidas, v. 1).

BLOCH, Marc. *Apologia da história ou O ofício do historiador*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.

CHABON, Michael. *Associação judaica de polícia*. São Paulo: Companhia das letras, 2009.

DARNTON, Robert. *O grande massacre de gatos: e outros episódios da história cultural francesa*. Rio de Janeiro: Graal, 1986.

GINZBURG, Carlo. *O queijo e os vermes*. São Paulo: Companhia das Letras, 1987.

LORAUX, Nicole. Elogio do anacronismo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Tempo e história*. São Paulo: Companhia das Letras; Secretaria Municipal de Cultura, 1992.

LÖWY, Michael. *Walter Benjamin: aviso de incêndio: uma leitura das teses “Sobre o conceito de história”*. São Paulo: Boitempo, 2005.

MARABINI, Jean. *Berlin nos tempos de Hitler*. São Paulo: Círculo do Livro; Companhia das Letras, 1989.

MARX, Karl. *Grundrisse: manuscritos econômicos de 1857-1858: esboços da crítica da economia política*. São Paulo: Boitempo, 2011.

NIETZSCHE, Friedrich. *Obras incompletas*. Seleção de textos de Gérard Lebrun. Tradução e notas de Rubens Rodrigues Torres Filho. Posfácio de Antônio Cândido. São Paulo: Nova Cultural, 1996. (Os Pensadores).

PELBART, Peter Pál. *O tempo não reconciliado: imagens de tempo em Deleuze*. São Paulo: Perspectiva, 1998. (Coleção Estudos, 160).

RAMOS, Fábio Pestana. *No tempo das especiarias: o império da pimenta e do açúcar*. São Paulo: Contexto, 2004.

RANCIÈRE, Jacques. O conceito de anacronismo e a verdade do historiador. In: SALOMON, Marlon (Org.). *História, verdade e tempo*. Chapecó: Argos, 2011. (Coleção Grandes Temas, 14).

_____. *O mestre ignorante: cinco lições sobre a emancipação intelectual*. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.

REVEL, Jacques. Microanálise e construção do social. In: _____ (Org.). *Jogos de escalas: a experiência da microanálise*. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 1998.

ROSENFELD, Gavriel D. *The world Hitler never made: alternate history and the memory of nazism*. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

ROTH, Philip. *Complô contra a América*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005.

WRIGHT, Mills. *Sobre o artesanato intelectual e outros ensaios*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.